

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos
 Editor de *ELECTRICIDADE*

Livros Técnicos em Português

Nas livrarias em Portugal há pouquíssimos livros técnicos de ciência e tecnologia na língua portuguesa. E não se vêem mais nas bibliotecas, mesmo naquelas que se orientam para a formação profissional. Um simples olhar pelas estantes das livrarias (incluindo as principais do mercado livreiro) e das bibliotecas (até de escolas secundárias e superiores) deixa logo perceber a raridade das autorias portuguesas. Não conheço estatísticas, mas estou em crer que no mercado aparecem bastante mais traduções de obras estrangeiras do que criações originais em português.

É claro que será preciso entender o que estou a referir: livros técnicos de ciência e tecnologia. Não se trata de livros de divulgação científica e tecnológica. Estes têm o seu público, mais ou menos leitor por entretenimento, inclusivamente entre os apreciadores das ciências sociais e humanas. Refiro-me a livros técnicos para formar com bases científicas. Desde os níveis dos operadores de equipamentos e sistemas até aos engenheiros de concepção (licenciados por universidades) e engenheiros de construção (licenciados por institutos politécnicos).

A bem dizer, é uma grande miséria literária, esta nacional. Que reflecte o desprezo que temos por nós próprios, permanecendo a admirar as sementeiras alheias em livros estrangeiros, quando afinal existem especialistas portugueses à altura das melhores searas. Tudo isto traduz muito a ignorância que nos embala, lendo aqui ou acolá, nesta ou naquela língua, um pouco do nada importante, pois nem livros de semelhante se esboça nos livros portugueses.

Que bom! Ir lá fora e trazer volumes recheados de saberes por cá desconhecidos. Não disse saberes ignorados, porque sempre vai havendo um ou outro

cavaleiro andante que se antecipa na condensação didáctica, sobretudo em consequência da crescente internacionalização científica e tecnológica. O que sabe bem é ter os livros que mais ninguém tem! E botar figura por tão pouco. Que bom, que bom.

Este paradigma mental, que me rodeia sem o mínimo entendimento, vem dos tempos da "caixinha", contra ao qual tanto lutei. A competição actual pode ter benefícios, mas fez renascer esse malefício em grau mais elevado. Sobretudo nas novas tecnologias. Chega ao ponto dos meus Assistentes (assim designados oficialmente) esconderem da minha vista os livros e "papers" com que me procuram surpreender. Enquanto eu continuo a entregar-lhes toda a informação que vou coligindo, devidamente sistematizada. Sem retroacção. Afinal, em sistema aberto.

Para além disso, surge a questão irresistível: porque não se estabelece, a nível nacional, uma política robusta de edições científicas e tecnológicas? Quando se apregoa tanto a modernização da sociedade, parece incrível que ninguém se lembre de fomentar uma acção tão simples e eficaz: editar livros de autores portugueses. Uma estratégia que evite traduções obsoletas e desgarradas de autores estrangeiros já sem vida activa. Que incentive a criatividade de autores de língua portuguesa, amargurados pela escrita amarelecida nas gavetas. Que extermine o descrédito implantado acerca dos produtos literários em português. Que enriqueça a nossa cultura, pois na transmissão de mensagens próprias impregnamos sempre o toque original das nossas convicções. Que defenda esta língua tão bela e condenada ao apagamento, se outros valores não se alevantarem.

Afinal, não é preciso ter grande imaginação. Basta observar o que se

passa em Espanha, onde a tradução de (bons) livros técnicos está em franco declínio, ao mesmo tempo que se reproduzem (excelentes) edições de autores espanhóis. Repare-se bem: numa fase fulgurante de expansão da língua espanhola pelo mundo inteiro.

Que pena tenho de não sabermos encontrar nos livros científicos e tecnológicos em português uma fonte (extraordinária) de desenvolvimento societal. Como fazem os outros países desenvolvidos. Se olharmos para esses países europeus, nem que seja de soslaio (mas também, descaradamente, bem de frente), reparamos na preocupação governamental que têm pela língua pátria. Acontece em Espanha de modo espantoso, mas igualmente se constata na França, Alemanha ou Itália. As reformas simplificativas da escrita estão em discussão, a criação terminológica é permanente, o aperfeiçoamento linguístico surpreende.

Em contrapartida, Portugal abandonou a sua língua ao acaso, já que quem manda tem mais proveitos pessoais usando a língua inglesa — renegando traiçoeiramente um povo embalado pela iliteracia, espoliando milhões de falantes da sua maior riqueza (a faculdade de expressão), intensificando a ignorância ao mais alto grau, formentando a exclusão sem contagem. Tudo em troco da satisfação de alguns intelectualizados (que de intelectuais pouco têm).

Às vezes sou tentado a dizer que a pior coisa que nos aconteceu foi termos sido contemplados com um prémio Nobel de literatura. Até parece que em Portugal se publicam muitos e bons livros. A azáfama de exposições internacionais sobre livros, com os mesmos escritores convidados a deslizar de um lado para outro, dão bem o sinal do que se passa. Alguém viu um escritor de ciência e tecnologia entre esses nomes? **E**